

5. A INFORMAÇÃO RETÓRICA NO VOCABULARIO DE BLUTEAU: DA DESCRIÇÃO DA LÍNGUA À COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

João Paulo Silvestre

Os primeiros textos em português sobre retórica e teorização literária, não especificamente dirigidos para a oratória sacra, são publicados no início do século XVIII. Os seus autores, Francisco Leitão Ferreira (1667-1735) e Lourenço Botelho Sotomaior (1671-1738) foram membros da Academia dos Singulares, que quer pela duração, quer pelo facto de reunir a nobreza erudita de Lisboa, se considera uma das principais academias literárias da época. Influenciados pelos tratados castelhanos e italianos, *A Nova arte de conceitos* (1718-1721) e o *Systema rhetorico* (1719) constituem um esforço de codificação e divulgação do gosto literário, e são justamente reconhecidos porque procuram representar práticas e concepções literárias socialmente valorizadas¹.

A estes títulos deve acrescentar-se o *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728), cuja redacção foi moldada pelas expectativas de recepção do mesmo público a que Leitão Ferreira e Botelho Sotomaior se dirigiam. Rafael Bluteau, participante nas Conferências Discretas e Eruditas, na Academia Portuguesa e na Academia Real de História, estava consciente da procura e da funcionalidade da informação retórica, na exercitação literária e no convívio do salão, e por isso dicionarizou e explicou a sua terminologia em português, exemplificando-a com um *corpus* de lugares selectos.

O levantamento e análise da informação registada no *Vocabulario* revela-se ainda mais pertinente se atentarmos no perfil do lexicógrafo: Bluteau conheceu profundamente os códigos literários italiano, espanhol e francês; produziu reflexão metaliterária sobre panerese, envolvendo-se na questão dos “médotos de pregar”²; compilou em latim trabalhos de síntese sobre retórica³; manifestou um distanciamento crítico em relação ao gosto dominante das composições poéticas nas academias literárias.

Ao lado de D. Francisco Xavier de Meneses, participou activamente na reformulação dos objectivos das academias literárias com um conjunto de reflexões em que teceu críticas à vacuidade da produção académica anterior, notando a pobreza dos conteúdos e a aproximação ao gosto italiano. Especial reprovação lhe mereceram as composições poéticas da Academia dos Singulares, acerca das quais comenta, após citar estrofes exemplificativas, «o engenho, discrição, agudeza, e primor Poetico, com que

¹ Sobre a importância de Leitão Ferreira e Botelho Sotomaior no contexto da Academia dos Singulares (fundada em 1714), cf. Castro, 1973: 151-153. Cf. tb. Silva, 1858-1923: II, 415-417 e V, 194-195.

² Bluteau, 1698: 11-12, 28.

³ Cf. o capítulo «Praeviae notiones ad conceptus praedicabiles inventionem, constructionem, variationemque utiles» (Bluteau, *Oraculum*).

os Academicos trataraõ estes, e outros semelhantes assumptos, certamente he digno de admiração; não póde haver assumptos mais inuteis, e menos dignos do talento, habilidade, e sciencia de taõ grandes sogeitos» (Bluteau, 1727-1728: I, 327). Saliente-se que os seus reparos se referem ao conteúdo e não à forma, tanto mais que o teatino seguia os cânones barrocos e compunha destramente de acordo com os rígidos formalismos ainda em voga entre nós.

Ambos os textos dos académicos singulares foram objecto de uma leitura atenta por parte de Bluteau: o *Systema* foi usado no *Vocabulario* como fonte autorizadora de terminologia da retórica, bem como de algumas definições; a *Nova arte* foi revista pelo lexicógrafo, na qualidade de censor do Santo Ofício. Aliás, é precisamente nessa censura que se encontra um precioso testemunho indirecto em que declara o método para a aprendizagem dos princípios da retórica: tal como as restantes artes, será dominada através do conhecimento dos seus conteúdos, expressos através de uma terminologia explicada e exemplificada⁴. Trata-se de uma “perspectiva lexicológica”, de quem entendeu os dicionários como veículo privilegiado de acesso ao saber.

A terminologia da retórica no *Vocabulario*

Bluteau pretende uma representação satisfatória dos diversos domínios do léxico, destacando os neologismos e os termos técnicos que não haviam sido registados em dicionários anteriores. Acompanhando os modelos de dicionários universais que se publicam em França, promove uma ampla recolha das terminologias do mundo natural e das actividades humanas, de acordo com uma divisão embrionária das áreas científicas que se aprofundará ao longo de todo o século XVIII. Mas a nomenclatura é bastante abrangente, e concede também um espaço privilegiado a áreas da tradição da erudição humanista, como a filosofia, a teologia, a codificação literária e a retórica.

⁴ «A muytos lhes parece, que para fallar bem, & apurar com sutileza o discurso, lhes basta seguir os impulsos do seu genio. Com esta errada imaginação, & presunção temeraria, entraõ às cegas no Palacio da Eloquencia, & sem tomar lingua, nem buscar guia, querem penetrar de primeyro jacto no gabinete das Musas. Em toda a Arte, assim mecanica, como liberal, o primeyro estudo he a intelligencia dos nomes, termos, & frases; atè nos officios fabrîs he taõ precisa esta noticia, como na Logica, ou Dialectica a do significado de termos *abstractos, ou côcretos, consequentes, & transcendentos*, & na Theologia, o saber o que os Professores desta sciencia entendem por *Innascibilidade, Circunçesaõ, Acto puro, prioridade de origem, concomitancia natural, & sobrenatural*, & outras mysteriosas expressoens, com que a sciencia, ou ignorancia humana procura introduzir-se no Sacratio dos arcanos Divinos. Pela mesma razãõ, que nas mais Artes, ne de bem dizer, he precisa a noticia dos termos, com que os que a sabem, se explicaõ, & como as palavras, são interpretes dos conceytos, não poderãõ os curiosos aprender esta *Nova Arte de Conceytos*, sem entender as regras, que dá o Author, & as palavras, com que as declara.» (Censura do P. M. Dom Rafael Bluteau Qualificador do Santo Officio, 30 de Julho de 1720).

Por ser um dicionário orientado para o auxílio à produção textual, o autor declara que «traz os nomes de todos os tropos, & figuras da Rethorica»⁵. Todavia, o *Vocabulario* não é um dicionário exaustivo e os critérios para a selecção da nomenclatura impediriam, em todo o caso, que viesse a ser um dicionário de retórica completo. Ao contrário dos manuais de retórica latinos, o *Vocabulario* apenas registaria como entrada as palavras portuguesas equivalentes aos termos greco-latinos ou os decalques que já eram comprovadamente empregues por autores portugueses.

Não obstante as transposições das palavras greco-latinas serem admitidas na nomenclatura, mantendo quase intocada a ortografia, não aceita todos os termos latinos que estavam registados em textos portugueses da época. No *Systema*, que é uma fonte autorizada e cuidadosamente explorada, muitas palavras são ignoradas, porque se referiam a figuras de raro emprego nas línguas clássicas. Por exemplo, Bluteau não referencia nenhuma das seguintes espécies de antíteses, enunciadas por Botelho Sotomaior:

figura *Antithesis*, ou *Enansiosis*, a que podem chamar com os Latinos Opposição: a qual fazemos quãdo directamente oppomos palavras a palavras [...] Cujas especies principaes são as figuras *Paradiastole*: a qual fazemos quando de duas couzas, q tem a mesma significação, & vulgarmente se confundem, negamos huma, & affirmamos outra [...] *Antimetabole*, ou *Antimetatesis*, a que os Latinos chamaõ Commutação [...] *Oximorum*, a q os Latinos chamaõ *Contentio* [...] & de outras mais figuras derivadas destas, & quasi suffraganeas; quaes são a *Diallelon*, *Enagonion*, *Anaclasis*, *Metathesis*, & *Antizagoge* [...] (Sotomaior, 1719: 61-62)

Pode considerar-se que a selecção do lexicógrafo representa a percepção de qual seria, à época, a terminologia básica da retórica, na perspectiva da intercomunicação entre o latim e o português. Além de dotar a língua da capacidade de traduzir um conjunto de termos técnicos, que eram essencialmente uma das partes mais nobres da literatura latina clássica e do exercício de escrita em latim, as definições propostas e os exemplos permitem a aplicação da “figura” em língua portuguesa, valorizando assim o vernáculo, que deste modo demonstra a capacidade de reproduzir e recriar as possibilidades estéticas da língua mãe.

À semelhança dos critérios adoptados para termos das ciências e das profissões, as palavras eram admitidas como portuguesas porque eram usadas com autoridade e propriedade de sentido. Transferir a vastíssima terminologia compendiada em manuais de retórica latinos para entumecer a nomenclatura seria uma perversão desse princípio.

No *Vocabulario*, a inclusão neste domínio lexical é marcada por expressões como *termo da retórica*, *termo retórico*, *figura*, *artifício* ou *tropo*. Algumas das entradas que recebem essa marcação explícita são:

Adnominação, Amplificaçam, Anastrophe, Antistrophe, Apodo, Apostrophe, Comunicação, Concessaõ, Confirmação, Contraposição, Correção,

⁵ Bluteau, 1712-1728: I, «Ao leitor impertinente».

Deprecação, Disposição, Distribuição, Enumeração, Epanaphora, Epidictico, Epiphonema, Ethopeia, Exaggeração, Exclamação, Execração, Exorinação, Extenuação, Ficção, Gradação, Graduação, Hypallage, Hyperbole, Hypotyposis, Illusão, Improprio, Indignação, Indução, Insinuação, Interrogação, Interrupção, Ironia, Judicial, Lugares Communs, Metáphora, Metonymia, Nominação, Predicamento, Preocupação, Presunção, Pretermissão, Prosopopêya, Reticência, Schema, Símile, Simulcadens, Simuldesinente, Sustentação, Synécdoque, Synonymia, Topico, Tradução, Transição, Tropo.

A estrutura e extensão dos respectivos artigos é variável, mas os mais completos geralmente incluem informação etimológica, a definição em português acompanhada da formulação latina, exemplos latinos do emprego da figura retórica e uma citação de autor português que documenta o uso da palavra⁶.

APÓDO, ou Apoda. Parecem derivados do verbo Grego Apodidoein, que val o mesmo, que em latim Reddere, ou de Apodosis, Figura de Rhetorica, a que os latinos chamaõ Redditio, a qual se faz, quando a huma oração de diferentes Epithetos, ou vocabulos, responde outra em opposição, como neste lugar de Terencio, Adeone me ignavum putas, adeone porro ingratum; aut inhumanum, aut ferum, ut neque consuetudo, neque amor, neque pudor commoveat, ur servem fidem. [...] E assi Apoda, ou Apodo he huma especie de comparação com que engenhosamente huma cousa reponde a outra, por galantaria, ou por zombaria. Urbana, vel jocosa, & mordax comparatio, ou colatio, onis. Fem. Os ditos graciosos de semelhanças a que commumente chamaõ Apodas, que se saõ bem apropriadas daõ sal a pratica, & gosto aos ouvintes. Lobo Corte na Aldea, Dial. II. pag. 234. Apodos afrontosos, com que reprehendiaõ a covardia. Vieira, Tom. 10. pag. 221.

As definições propostas por Bluteau não são inovadoras, baseando-se nas explicações que poderiam ser encontradas na generalidade dos dicionários latinos autorizados, como é o caso do *Calepino* ou do *Tesaurus Linguae Latinae* de R. Estienne, que também concediam particular atenção à definição de termos metalinguísticos e metaliterários. A sistemática declaração do equivalente latino, justificado com a autorização em Quintiliano ou Cícero, assegura a intercomunicação entre o latim e o português, transportando para o vernáculo não só o domínio terminológico, mas também a propriedade de sentido do termo original. Talvez por isso a definição portuguesa é frequentemente acompanhada pela transcrição do excerto latino que a originou, o que, na perspectiva do lexicógrafo, resulta numa confrontação da justeza dos sentidos, não se tratando portanto de uma mera duplicação de informação.

INSINUAÇÃO. Artificio da Rhetorica, com que particularmête nos Exordios, o Orador se insinua no animo, & na benevolencia dos ouvintes. Insinuatio, onis. Fem. Cic. Oratio quadam dissimulatione, & circuitione obscurè subiens auditoris animum. Cic.

⁶ Salvo indicação em contrario, no presente texto as citações de artigos de dicionário referem-se ao *Vocabulario*.

O facto de, em grande parte dos artigos, as figuras apenas se encontrarem exemplificadas em latim revela o grau de erudição do público a que o *Vocabulario* se destina e a valorização social da composição em latim neste momento histórico. Desde expressões de tipo quase mnemónico, a longos excertos de obras de Cícero, todos estes exemplos haviam sido amplamente recenseados pela lexicografia latina do século XVII.

ANTISTROPHE. Derivase do Grego Antistropi, que val o mesmo, que Inversão. He huma figura de Rhetorica, cõ que alternativamente se poem antes, & depois duas cousas, que dependem huma da outra, v. gr. o Criado do Senhor, e o Senhor do Criado. Servus domini, & dominus servi. Antistrophe, es. Fem. Aquila Rhetor.

SUSTENTAÇÃO. Figura da Rhetorica. He quando suspendemos os animos dos ouvintes por algum breve espaço, e logo nos declaramos, com alguma razão não esperada. Em Cicero, na Oração Pro Ligario temos este bello exemplo. Hinc profectus, non ad Caesarem, ne iratus; non ad domum, ne iners; non aliquam in regionem, ne condemnare causam illam, quam scentus est, videretur. [...]

Se o *Vocabulario* se limitasse a uma repetição de material latino modelar, o contributo para a constituição de uma terminologia documentada em português seria pouco significativo, pois a sua utilidade dependeria da habilidade dos leitores para o traduzir e adaptar à composição em vernáculo.

Mas, ainda que não de forma sistemática, o lexicógrafo alterou a sua técnica de redacção dos artigos, no sentido de uma progressiva libertação do confronto estrito com o latim. No decurso do longo processo de escrita do *Vocabulario*, o autor reavaliou o património literário impresso, renovado com a edição de textos de parenese, poemas épicos, obras nos domínios da historiografia, hagiografia e do direito. O exercício poético é valorizado — não só em latim, mas agora também em vulgar — com a participação da nobreza da corte de D. João V em academias e certames literários. Nos últimos volumes do *Vocabulario* e nos dois volumes do *Supplemento* amplia a quantidade e o valor informativo dos exemplos de construções em português, investindo num discurso de tipo didáctico, próximo de um manual de composição, com exemplos “fabricados” em que se reconhece a influência latina:

METONYMIA. Deriva-se do Grego Meta, & Onoma, ou (segundo o dialecto dos Eolios) Onyma, que val o mesmo que Nome, & assim Metonymia, he Transnomeação, ou posição de hum nome no lugar de outro; & he figura da Rhetorica, com a qual se trocã os nomes das cousas, como quando se poem o continente pelo conteúdo, a casa v. g. por aquelles que estão nella, o effeito pela causa, o inventor pela cousa inventada, Baccho por vinho, Ceres por pão, Portugal pelos Portuguezes, o Author pela sua obra, S. Thomàs, v. g. pelos livros que escreveo, &c. Metonymia, ae. Fem. He palavra Grega. Alguns lhe chamão Transnominatio, mas ainda que em Suetonio se ache o verbo Transnominio, não acho exemplos do nome

Transnominatio. O Author das Rhetoricas a Herennio lhe chama Denominatio, onis. Fem. [...]

Este tipo de fraseologia é recolhido a partir do arsenal proporcionado pela experiência do púlpito, dos manuais de retórica sacra, da tradução de exemplos latinos, mas não aproveita excertos do *corpus* literário em português. De facto, o tipo de citações de autores portugueses que apresenta não se destina a ilustrar a “figura” retórica, mas sim o uso em contexto da palavra que a designa. Se não constitui um catálogo modelar da habilidade dos bons autores (Rodrigues Lobo, Manuel de Faria e Sousa, António Vieira), pelo menos confirma o uso da terminologia, respeitando a propriedade do sentido. O padre teatino, censor do Santo Ofício, prefere apresentar exemplos marcados por um tom moralizante, com relações de proximidade com o discurso religioso:

CONCESSAÕ. Figura da Rhetorica. He quando concedemos em nosso favor alguma cousa, que nos adianta, ou prova o que vamos a dizer, v. g. Se não fizera este acto de humildade, sim ficava mais brioso, mas não se mostrava tão bom Christaõ. Concessio, onis, Fem. Cic. (Conduplicação, Concessaõ, contraposição, Systema Rhetorico, 123.

Bluteau demonstra especiais reservas em relação ao texto poético em português. O *Systema* apresentava diversos exemplos de aplicação de figuras, mas o lexicógrafo omite-os ou altera-os de modo a eliminar alusões sensuais que eram claras no texto de Botelho, que tomava por mote a descrição de uma dama e de uma rosa que caiu aos seus pés. Por exemplo, a propósito da figura *simulcadente*, Botelho escreve «se sempre buscaõ as Damas flores para seu ornato, colhaõ agora esta Roza para seu exemplo» (Sotomaior, 1719: 124), mas Bluteau modifica o tom: «Simulcadente. He o nome Latino de huma figura de Rhetorica; e he quando a mesma figura consta de dous periodos com igualdade nos casos, v. g. se sempre buscaõ as Damas bellas flores para seu ornato, colhaõ agora esta flor murcha para seu exemplo».

É ainda possível identificar informações do domínio da retórica, sob a forma de máximas ou sentenças que enunciam recomendações aos oradores, visando a eficácia na produção do discurso. Na maior parte dos casos, surgem inclusive em entradas que não estão directamente relacionadas com a temática, apenas para exemplificar ou apresentar um construção latina, acompanhada da respectiva tradução em português. Mais não é que a repetição de um fundo de fraseologia comum no ensino da língua latina, largamente conhecido e reconhecido pelos leitores do dicionário, e que por ser insistentemente glosado sugere que a retórica fazia parte de um fundo de referência partilhado pela população escolarizada.

DESAGRADAR [...] Governarse o prudente Orador pelos ouvidos dos circunstantes; deve mudar o que lhes pode desagradar. Auditorum aures moderantur oratori prudenti, & provido; & quod respuunt, immutandum est. Cic. Convem, que no discurso não haja nada de aspero, nem cousa, que desagrede. Nihil ut asperitatis habeat, nihil offêisionis. Cic.

A retórica e o discurso dicionarístico

O modelo tipológico do *Vocabulario* é definido tendo em conta um público e objetivos que o afastavam dos dicionários escolares. Bluteau escreve de acordo com as expectativas da nobreza culta com que partilha o espaço de palavra proporcionado pelos encontros nas academias literárias. O discurso académico exigia formas conservadoras, e não dispensava os preceitos da retórica que o enobreciam e lhe conferiam a dignidade adequada às assembleias. Rompendo o equilíbrio clássico entre *docere* e *delectare*, predomina a função do deleite, tanto o provocado no leitor, como aquele que o autor experimenta no momento da elaboração, orientando o texto no sentido de despertar no leitor o prazer de contemplar a complexidade da construção engenhosa e decifrar os mecanismos dessa mesma construção (Pires, 1998: 41)⁷. À luz da poética barroca, o requinte formal constituía um critério fundamental para a avaliação da qualidade da produção literária, que não poderia deixar de se repercutir na escrita do *Vocabulario*, porquanto o dicionário se apresentava como prolongamento do discurso académico e como manual auxiliar para oradores, prosadores e poetas. Pode mesmo reconhecer-se uma coerência entre o estilo de redacção do dicionário e as reflexões académicas de Bluteau sobre questões estéticas: é lícito o investimento retórico num texto que pretende ser informativo, desde que não obscureça os conceitos⁸.

Para Bluteau, o tipo de informação que os leitores esperam do seu dicionário não é apenas o acesso ao significado das palavras, mas sobretudo em que medida se pode exprimir, no registo mais adequado, o significado por elas veiculado. Sem a preocupação de ensinar o “indouto”, o *Vocabulario* pretende ser um instrumento orientador das práticas discursivas do homem da corte, para quem as cerimónias públicas, os festejos, as precedências, o comportamento pessoal, são actos em que é imprescindível o domínio da palavra e dos símbolos que preenchem o quotidiano.

Há, intencionalmente, uma tênue fronteira entre a explicação do significado e a expressão do significado, daí que, no espaço que os dicionários modernos reservam à definição, o *Vocabulario* nos proponha

⁷ A poesia desta época e a literatura em geral foram rotuladas de obscuras, mas os tratadistas distinguiam entre dois tipos de obscuridade, como refere Maria Gonçalves Pires: «a que deriva de ideias profundas, temas complexos, e que é considerada tão louvável como inevitável; e a que resulta de termos desusados, de metáforas estranhas, de sintaxe extravagante, que é condenada» (*ibidem*, p. 43).

⁸ A questão é abordada no *Systema*, prevendo que as questões científicas possam também ser tratadas num estilo elaborado: «[...] se a materia dos Ceos he a mesma em especcie com a materia dos corpos sublunares? Assim se explicaria nuamente hum Filosofo, mas revestindo-o hum Orador dos adornos Rhetoricos, diria. Se por ventura seriaõ taõ ditozos os homens, os brutos, & as plantas, que fossem compostos da mesma materia, de que se fabricou esse sublime Palacio da Divindade? [...] Por estes, & outros infinitos modos pudera naõ só propor, mas discorrer o Orador sabio qualquer questaõ scientifica, adoptandoa, & adornandoa com os preceitos da arte em muito natural filha sua. »

paráfrases, retoricamente motivadas, que mais não são que elementos auxiliares da composição escrita, adequada aos registos da oratória áulica e académica, da poesia e da parenese. Assim, a descrição linguística de tipo dicionarístico admite definições estilisticamente elaboradas, como em ENVEJA e VINHO:

ENVEJA. Paixão vil, dôr indigna, & maligno pesar do bem do proximo, como se fora mal proprio [...]

VINHO. Nectar da terra, & ambrosia dos mortaes, he çumo de uvas maduras, espremido, & fermentado [...]

Encontram-se sobretudo definições por paráfrase, que são um recurso essencial para o desenvolvimento e amplificação dos conceitos na estética barroca. As paráfrases são frequentemente completadas com comparações que desenvolvem o conceito, propondo estratégias discursivas para a argumentação, num contexto em que a temática religiosa é recursiva:

PERTINÂNCIA. Obstinação voluntaria, & maligna, como a do Herege que persiste no seu erro, sem querer ouvir a verdade, ou sem a querer seguir, depois de ouvida [...]

É comum que as definições se alarguem sob a forma de descrições, redigidas de acordo com preceitos da retórica, em que o texto é construído tendo por base um conjunto coeso de descrições, assinalando-se a quantidade de enumerações e o paralelismo das estruturas sintácticas. Não se trata apenas de apresentar a informação dicionarística num registo “elevado”, pois é notório que os conteúdos se repetem na sucessivas paráfrases, pelo que estamos perante um catálogo de “possibilidades discursivas”.

PESTE. Mal epidemico, cuja essencia, no meyo dos estragos, que causa, ainda se ignora. O commum dos Medicos diz, que a peste he huma febre agudissima, maligna, contagiosa, venenosa, a qual se manifesta com buboens, nodoas, antrazes, & que acomete, & mata a muitos. Outros dizem que a peste he huma podridão animada, inimiga, & destruidora de todas as forças, & acções da vida. Dizem outros que a peste he hum levedo, & fermento contagioso, ou (como outros declaraõ) hum corpusculo venenoso, cujas causas remotas saõ, ou malignos influxos celestes, ou indigestas, & cruas exhalaçoes da terra, que de ordinario acompanhaõ os terremotos, & da terra se cõmunicãõ aos mais elementos, inficionando os ares, & as aguas. Os sinaes do contagio da terra se vem nos insectos, & animaes subterraneos, como formigas, minhocas, coelhos, toupeyras, etc. que desampáraõ a sua natural habitaçaõ, & fogem dos lugares em que se creãõ.

A composição literária

O *Vocabulario* inclui recursos para servir de apoio à composição literária e à oratória em diversos registos, compendiando exemplos de desenvolvimento textual e elementos temáticos frequentes no discurso

barroco (mitologia, história antiga, descrições simbólicas), apresentados em moldes que permitiam um aproveitamento quase imediato. O modelo é inspirado no *Dictionnaire general et curieux* de C. Rochefort (1685) e utiliza largamente o material nele acumulado, o que não invalida a inclusão de alguns textos do próprio Bluteau, que os contemporâneos reconheciam como um hábil orador. Além do citado *Dictionnaire general*, este tipo de informação era abundante em manuais de retórica, de lugares predicáveis e de interpretação de passos bíblicos, que o teatino possuiria em várias línguas.

No *Vocabulario*, os discursos são predominantemente orientados para o púlpito, de tal modo são férteis em referências bíblicas e prescrições morais. O espaço que lhes é dedicado é variável, bem como a sua extensão, apresentando-se sob a forma de máximas, apotegmas, ou mesmo breves discursos com uma estrutura lógica coerente, que inclui a apresentação de proposições e uma conclusão. Estes discursos ocorrem na dependência de palavras cujo sentido aponta directamente para valores morais, mas há um considerável grau de imprevisibilidade, já que se verificam inúmeras relações analógicas, decorrentes dos próprios artifícios discursivos. A ordenação deste material parece obedecer mais uma indexação lexical do que temática. Assim, artigos como PECCADO, PECCAR ou PARAISO — que são termos marcados no discurso religioso — são surpreendentemente pobres em sugestões para os pregadores. Todavia, o tema da salvação e da condenação é recorrente ao longo do *Vocabulario*, mas partindo de outros termos-chave em que assenta o discurso.

Bluteau dá preferência a estratégias habituais na parenese barroca, como a personificação dos vícios e virtudes e a insistência na linguagem metafórica:

ENVEJA [...] Em todos os peccados hâ algum gosto, inda que falso, & breve. Desafoga a ira, tomando vingança, recrease a sensualidade nas delicias, deleitase a cobiça nas riquezas, cevase a gula nos banquetes, mas não olha a enveja para o bem, senão para o converter em tormento. **A Enveja he vibora, que rasga o ventre, que a engendrou; traça, que roe o panno, que a produz; Era, que derruba o muro, que a sustenta;** vive do seu veneno, & com suas settas se mata; he o algoz do seu patibulo, & a furia do seu Inferno [...]

Sugere frequentemente imagens alegóricas como a caminhada ou a luta, entre outros lugares comuns do discurso religioso (cf. ESCRUPULO, *infra*). No que respeita à língua, sobressai a exploração das relações semânticas, sob a forma de jogos de palavras, enumerações e antíteses engenhosas, e demais estratégias da amplificação barroca, mas sem agudezas extremas que tornem imperceptível o conceito (cf. VIDA):

ESCRUPULO. [...] Na estreita campanha de huma consciencia timorata, dão os escrupulos grandes batalhas. Duvidosa a alma entre peccado, & não peccado, como se estivera suspensa entre o ceo, & o Inferno, já affirmando o que nega, já negando o que affirma, se contradiz a si propria, & se implica comsigo mesma [...]

VIDA [...] Só póde a vida humana parecer breve aos que errando o caminho, vão direitos ao inferno. Notavel loucura esta, queixarse de que passa o tempo, & buscar passa tempos; entregarse a prazeres fugitivos, & sentir que a vida fuja. Mais justa seria a queixa do homem no principio da vida, que no fim, porque nasce para morrer, & morre para sempre viver [...]

Estes discursos podem ser autónomos em relação ao sentido da palavra-lemma, na medida em que são ponto de partida de desenvolvimentos analógicos.

A tradição lexicográfica

O *Vocabulario* de Bluteau foi a grande fonte do desenvolvimento da dicionarística moderna do português. Os lexicógrafos seguintes, com especial destaque para António Morais Silva (c. 1756-1825), procuraram ampliar a nomenclatura, mas simultaneamente contrariar a tendência cumulativa que caracterizava o *Vocabulario*, tendo em consideração aspectos como o formato, o manuseio e a concisão da informação fornecida, adaptando-se à crescente procura deste género de instrumentos linguísticos. Para compor o *Diccionario da lingua portugueza* (1789), Morais trabalhou sob a perspectiva de uma delimitação tipológica renovada — em que um dicionário de língua não deve obrigatoriamente suprir as funções de um compêndio enciclopédico — e por isso reavaliou a pertinência do registo de determinados domínios lexicais, eliminando a generalidade dos termos da história antiga, geografia e mitologia.

Comparando os dois dicionários, constata-se que Morais recuperou do *Vocabulario* a maior parte das entradas relativas à informação retórica, o que nos permite concluir que, neste domínio, Bluteau foi o primeiro a constituir uma recolha terminológica, especialmente importante porque consagrou a passagem ao português de termos greco-latinos, ao mesmo tempo que procede a uma fixação ortográfica que se manterá, nos seus traços gerais, até à reforma da escrita no século XX.

A hipertrofia de informação e prática retórica no *Vocabulario* é uma marca do tempo em que foi redigido e o resultado de uma envolvimento socioliterária irrepitível. Morais, com uma expectativa de recepção muito diferente, procurou alterar ou eliminar as definições estilisticamente elaboradas, de modo a aproximá-las de um discurso de tipo metalinguístico. Na redacção dos artigos, perde-se o pendor didáctico das explicações, apresentado apenas exemplos para clarificar a definição, sem o intuito de servir de modelo para a escrita⁹.

⁹ Bluteau (1712-1728): «VINHO. Nectar da terra, & ambrosia dos mortaes, he çumo de uvas maduras, espremido, & fermentado [...]

Silva (1789): «VINHO, s. m. o mosto na primeira fermentação [...]

Bluteau (1712-1728): «PERTINÂNCIA. Obstinação voluntaria, & maligna, como a do Herege que persiste no seu erro, sem querer ouvir a verdade, ou sem a querer seguir, depois de ouvida [...]

Silva (1789): «PERTINANCIA, s. f. obstinação, contumacia, voluntaria, e de má fé [...]

O *Vocabulario* permaneceu, nos anos seguintes, como uma obra prestigiada, reconhecida como modelo autorizador e instituidor de um cânone literário. Se a terminologia da retórica foi incorporada em outros dicionários, a informação complementar de apoio à escrita e muito particularmente da oratória sacra não foi recuperada, pelo que o dicionário de Bluteau continuou a ser assiduamente frequentado pelos escritores e pregadores da época, tanto pela vertente latina como pela portuguesa. A recuperação desse património, com o auxílio de instrumentos informáticos que tornem eficaz a leitura e a pesquisa, revelará certamente uma fonte de referência da cultura literária do século XVIII.

Referências

- BLUTEAU, Rafael, 1698. *Primicias Evangelicas, ou Sermoens, e Panegyricos do Padre D. Raphael Bluteau [...] Parte Terceira*. Paris, Joaõ Anisson.
- , 1712-1728. *Vocabulario portuguez e latino [...]*. Tomos I e II: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV: Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII: Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I: Lisboa, Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II: Lisboa, Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.
- , 1727-1728. *Prosas portuguezas recitadas em diferentes congressos academicos [...]*. 2 partes em 1 vol. Lisboa Occidental, Joseph Antonio da Sylva.
- *Oraculum utriusque testamenti [...]*. B. N. L. Cod. 3000-3002.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, 1973. *Retórica e Teorização Literária em Portugal*. Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- FERREIRA, Francisco Leitão, 1718-1721. *Nova arte de conceytos que com o titulo de Licções Academicas na publica Academia dos Anonymos de Lisboa, dictava, e explicava o Beneficiado Francisco Leytam Ferreyra, Academico Anonymo [...]* Lisboa Occidental, Antonio Pedrozo Galram.
- PIRES, Maria Lucília Gonçalves, 1988. «Reflexões acerca da poética barroca», *Claro-Escuro – Revista de Estudos Barrocos*, 1, pp. 39-46.
- ROCHEFORT, César de, 1685. *Dictionnaire general et curieux [...]*. Lyon, P. Guillimin.
- SILVA, António de Moraes, 1789. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes [...]*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, 1858-1923. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- SILVESTRE, João Paulo, 2004. *Rafael Bluteau e o Vocabulario Portuguez, e Latino: teoria metalexigráfica, fontes e recepção*. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- SOTOMAIOR, Lourenço Botelho, 1719. *Systema rhetorico, causas da eloquencia, dictadas, e dedicadas á Academia dos Anonimos de Lisboa por hum Anonymo seu Academico*. Lisboa Occidental, Mathias Pereira da Sylva, & Joaõ Antunes Pedrozo.